



Empreendedorismo Sociocultural em Contexto: Uma Abordagem Sobre a Cultura como Motor de Transformação no Bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte/MG

Daniela Maria Rocco Carneiro Scotton, Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil¹
Mario Ricardo Scotton, SEDE, Brasil²

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é analisar o papel do Empreendedorismo sociocultural como ferramenta de transformação no Bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte/MG. A comunidade do referido Bairro é composta por 2.421 pessoas (dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2010), está situada na Regional Norte da capital mineira e é considerada pela literatura, do ponto de vista histórico, como “manancial artístico popular”, bem como tem “o metro quadrado mais cultural de Belo Horizonte”. Por meio de uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, marcada pela observação participante *in loco* e entrevista junto a três empreendedores socioculturais moradores do Bairro, este estudo apresenta também um mapeamento das principais características, atores e desafios associados à comunidade. Os resultados demonstraram que, embora o Primeiro de Maio enfrente desafios como criminalidade, violência e insuficiência de apoio e investimentos, a cultura representa um motor de transformação no território, inclusive com o fortalecimento de coletivos socioculturais e o desenvolvimento de soluções criativas para os problemas enfrentados. Ademais, se o Bairro, principalmente na década de 1980, era reconhecido por sua efervescência cultural, destaca-se que, apesar dos desafios citados, ainda há um forte apelo cultural, dentro de uma lógica de resistência. Fato é que foram identificados por meio desta pesquisa 26 empreendedores (as) socioculturais que atuam direta e/ou indiretamente no Bairro, exercendo um papel extremamente relevante para a comunidade e certamente fruto do legado social e cultural enraizados no passado. É a cultura que resiste, persiste, se transforma e se ressignifica.

Palavras-chave: Empreendedorismo Sociocultural; Cultura; Transformação social; Políticas Públicas; Periferia.

1. INTRODUÇÃO

¹ daniela.rocco@uemg.br, <https://orcid.org/0009-0008-8591-7884>

² mario.scotton@desenvolvimento.mg.gov.br, <https://orcid.org/0009-0004-8869-287X>

O Empreendedorismo sociocultural basicamente integra dimensões sociais, culturais e artísticas com o intuito de promover soluções criativas para problemas coletivos, especialmente por meio da arte (Pinho; Martinez, 2012?; Marins, 2022). Essa abordagem empreendedora tem se destacado como uma poderosa força de transformação em diversas comunidades ao redor do mundo.

No Brasil, essas experiências ganham força em territórios periféricos, como o Bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte/MG, onde o Empreendedorismo sociocultural emerge sobretudo como resposta a desafios sociais e econômicos.

Localizado na Regional Norte da capital mineira, o Primeiro de Maio abriga uma população de 2.421 pessoas (1.284 mulheres e 1.137 homens), distribuídas em 803 domicílios permanentes. A taxa de alfabetização entre os moradores com 10 anos ou mais é de 96,9%, e a faixa etária de 15 a 64 anos corresponde a 1.690 residentes do Bairro, o que equivale a 69,8% (IBGE, 2010).

Segundo Carneiro, Cabral e Alvares (2022, p. 155), o Bairro é reconhecido como um “pequeno *cluster* cultural”, sendo lar de um mosaico de artistas – atores, artesãos, músicos, poetas, grafiteiros e outros – que formam (ram) um verdadeiro “tecido criativo” vivo e pulsante. Dentre os nomes de destaque estão Zeca Baleiro, Maurino de Araújo, Maurício Tizumba e outros artistas com trajetória local e internacional.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo principal analisar o papel do Empreendedorismo sociocultural como ferramenta de transformação no Bairro Primeiro de Maio. Tal análise reflete, ainda, como iniciativas artísticas e culturais fortalecem a identidade, a coesão social e as possibilidades de desenvolvimento comunitário.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A literatura contemporânea evidencia que a cultura, especialmente materializada pelas indústrias criativas, atua como um motor de desenvolvimento econômico e social em diversas partes do mundo (Radbourne, 1997; Reino Unido, 1998; Reis, 2008; De Beukelaer, 2014). No cerne dessa dinâmica, está a Economia Criativa (EC), conceito que vem sendo ampliado e ressignificado por diferentes autores e entidades, sobretudo em contextos locais, como o do Bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte.

Conforme Caiado (2011, p. 15), a EC compreende

o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos. São atividades econômicas que partem da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Ela associa o talento a objetivos econômicos. É, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico.

Segundo a FIRJAN (2022), a Indústria Criativa brasileira é composta por 13 segmentos agrupados em quatro grandes áreas: **1. Consumo** (Design, Arquitetura, Moda e Publicidade); **2. Mídias** (Editorial e Audiovisual); **3. Cultura** (Patrimônio e Artes, Música, Artes Cênicas e Expressões Culturais) e **4. Tecnologia** (Pesquisa e Desenvolvimento – P&D, Biotecnologia e Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC). Em 2020, o PIB Criativo brasileiro alcançou R\$ 217,4 bilhões, representando 2,9% do PIB nacional – um desempenho superior ao da indústria extrativista mineral e equiparado ao da construção civil.

Em Minas Gerais, a EC responde por 2% do PIB brasileiro, com 82 mil profissionais criativos empregados. O estado ocupa o segundo lugar em vínculos formais na área de “Consumo”, atrás apenas de São Paulo (FIRJAN, 2022). Em Belo Horizonte, são aproximadamente 122 mil trabalhadores formais na EC, refletindo a relevância do setor para a dinâmica urbana da capital.

Além disso, Belo Horizonte se destaca nacional e internacionalmente por seu ecossistema criativo. A cidade apresenta os melhores índices de consumo e frequência em atividades culturais entre as capitais brasileiras e é a capital com o maior número de Patrimônios Mundiais reconhecidos pela UNESCO. Em 2019, recebeu o título de Cidade Criativa da Gastronomia, o que evidencia a centralidade da cultura alimentar como vetor de desenvolvimento local (Belotur, 2019). Tal reconhecimento reforça o potencial da EC como plataforma para práticas inovadoras e sustentáveis em territórios como o próprio Bairro Primeiro de Maio, recorte territorial do presente artigo.

Nesse cenário, ainda que a Economia Criativa seja um conceito em constante evolução (Barros *et al.*, 2023), autores como Oliveira, Araujo e Silva (2013), respaldados por Howkins – responsável por popularizar o conceito em nível global – e pela *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD), entidade de referência na área, defendem que a EC pode promover, entre outros benefícios, não apenas a diversidade cultural, mas também a inclusão socioprodutiva e o desenvolvimento

humano. Isso a torna especialmente relevante em comunidades historicamente marginalizadas.

Para Montes-Martínez e Ramírez-Montoya (2021), o empreendedorismo pode assumir diferentes formas: empresarial (voltado ao lucro), educacional (como competência ensinável) e social (voltado à transformação social). A esse respeito, cresce o interesse pelo Empreendedorismo social (Adro; Fernandes, 2021), entendido como um processo que visa resolver problemas sociais por meio de soluções inovadoras (Anastacio; Cruz Filho; Marins, 2018; Vieira; Oliveira; Miki, 2023).

Por sua vez, dentro desse campo, o Empreendedorismo sociocultural (ESC) se destaca por articular práticas culturais e artísticas à resolução de desafios sociais. Segundo Marins e Davel (2020), essa abordagem alia as dimensões sociocultural e cultural-artística como forma de enfrentamento de desigualdades e promoção de bem-estar coletivo. Marins (2022) e Junior, Muylder e Conceição (2024) ampliam essa definição ao associá-la ao empreendedorismo artesanal, comunitário, étnico, territorial e sustentável.

O Guia do Empreendedor Sociocultural (Pinho; Martinez, 2012?) ressalta que a abordagem sociocultural pressupõe o reconhecimento da cultura como elemento em constante transformação, moldado pelas relações sociais e, ao mesmo tempo, moldador delas. Assim, o ESC é um processo dinâmico que envolve aprendizagem individual e coletiva, com impactos nas dimensões econômica, social, política, ambiental e cultural.

Essa visão é reforçada por Firjan (2022), ao destacar que em tempos de incerteza, como durante a pandemia de Covid-19, os profissionais criativos e as indústrias culturais se tornam instrumentos estratégicos de diferenciação e adaptação. Os criativos são flexíveis, formulam perguntas, antecipam tendências e desenvolvem soluções inovadoras – competências fundamentais para enfrentar crises e construir futuros sustentáveis.

Para Marcovitch e Saes (2020), o avanço da inovação e do empreendedorismo depende da superação de divisões políticas e sociais, exigindo um projeto coletivo de sociedade. Ost e Saleh (2021) também alertam para a importância de políticas públicas, novos mercados e estratégias educacionais que promovam a colaboração entre atores culturais, sociais e econômicos, especialmente em contextos de transição como o que vivemos atualmente.

Dessa forma, o ESC se revela como um movimento potente para promover desenvolvimento local sustentável, em articulação com os valores da EC. No contexto do

Bairro Primeiro de Maio, tal abordagem permite compreender como iniciativas culturais e criativas podem ressignificar espaços urbanos, gerar oportunidades de trabalho e fortalecer laços comunitários – temas que serão aprofundados na seção seguinte.

2.1 INVESTIGAÇÃO PRÉVIA

Serão expostos nesta seção os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, seguidos de uma breve caracterização do território estudado e da análise e discussão dos resultados obtidos.

2.1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa e extensão vinculado à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Inserido na área das Ciências Sociais Aplicadas (conforme Tabela da FAPEMIG), trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e descritiva (Minayo; Sanches, 1993; Gil, 2017), com ênfase na técnica da pesquisa-ação (Gil, 2017). Entre março de 2022 e junho de 2024, foram realizadas visitas ao Bairro Primeiro de Maio para coleta e análise de dados que subsidiaram, inclusive, a elaboração colaborativa de um *e-Book* sobre a própria comunidade – e com a participação dela na produção (parte deste trabalho ocorreu com um viés extensionista).

As etapas metodológicas do referido trabalho foram organizadas em três fases principais, quais sejam:

- **Fase 1 – Revisão da literatura e levantamento documental:** levantamento bibliográfico e documental (Gil, 2017), com apoio da técnica de documentação temática (Severino, 2002), incluindo obras e registros específicos sobre o Bairro Primeiro de Maio.
- **Fase 2 – Visitas de campo, entrevistas e pesquisa-ação:** foram estabelecidos contatos com lideranças locais, seguidos do agendamento de reuniões – virtuais e presenciais – e da realização de visitas *in loco* ao território estudado. Em junho de 2024 foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com três empreendedores socioculturais que atuam de forma ativa no Bairro Primeiro de Maio. Tais entrevistas seguiram um roteiro previamente testado, conforme recomendações de Gil (2017), e os participantes foram informados sobre a garantia de sigilo das respostas, em conformidade com o que estava previsto no projeto. No entanto, um

dos entrevistados manifestou o desejo de ser identificado, o que motivou a seguinte categorização dos respondentes: **E1:** Nego Dê – Educador, Professor de Teatro, Agente Cultural, Ator, Diretor, Roteirista, Arte Educador e Educador Social; **E2:** Empreendedor (a) com atuação na área da música e cultura popular; e, **E3:** Empreendedor (a) com foco em projetos e eventos socioculturais comunitários. Ressalta-se que a seleção dos entrevistados considerou não apenas sua relevância comunitária, mas também a diversidade de áreas de atuação sociocultural e a disponibilidade para participar da pesquisa. Ademais, a opção metodológica por um estudo de caso aprofundado visou assegurar maior densidade analítica no contexto da pesquisa-ação, estando alinhada ao período de vigência do projeto de pesquisa e extensão. Buscou-se, com isso, representar diferentes perfis de empreendedores locais, valorizando sua expressividade e protagonismo na cena sociocultural do território.

- **Fase 3 – Análise e discussão dos resultados:** a análise qualitativa dos dados colhidos nas fases anteriores subsidiou a construção das reflexões apresentadas nos tópicos seguintes.

A seguir, apresenta-se a caracterização do território em que a pesquisa foi desenvolvida.

2.1.1.1 Breve caracterização do território estudado

Embora o Bairro Primeiro de Maio tenha sido oficialmente reconhecido em 1991, por meio de loteamento por parte da Prefeitura, a ocupação e o desenvolvimento de sua identidade cultural remontam à década de 1980 (Ribeiro; Benjamin, 2005). Desde então, o Bairro se consolidou como um território marcado por forte engajamento comunitário e efervescência artística, elementos que formam a base histórica do atual cenário de Empreendedorismo sociocultural.

Durante os anos 1980 e 1990, a comunidade se destacou pela organização das Feiras Populares de Cultura e pelas atividades promovidas no Centro Cultural Primeiro de Maio e no Espaço Cultural Bar Calabouço. Tais iniciativas foram centrais na configuração de uma cena cultural local robusta, protagonizada por artistas moradores da região (Ribeiro;

Benjamin, 2005; Ribeiro, 2011; FMC, 2015; Carneiro, 2024), e contribuíram para que o Bairro fosse reconhecido como um “manancial artístico popular” (Carneiro, 2024, p. 11) e como detentor do “metro quadrado mais cultural de Belo Horizonte” (Ribeiro; Benjamin, 2005, p. 78). Essa trajetória revela uma vocação coletiva para a valorização da cultura como ferramenta de transformação social, característica que ainda hoje molda práticas empreendedoras de caráter sociocultural.

Mais que palco de manifestações artísticas, o Bairro Primeiro de Maio desenvolveu uma identidade comunitária sustentada pela organização dos moradores em torno da melhoria das condições de vida. A criação de espaços públicos e a promoção de atividades culturais e ambientais reforçam esse histórico de participação ativa, que hoje ressurgiu sob a forma de iniciativas empreendedoras que conciliam arte, cultura popular e impacto social.

A atual dinâmica sociocultural do Bairro expressa uma continuidade – e, ao mesmo tempo, uma reinvenção – dos legados históricos. Espaços públicos como a Praça Troca-égua e a Praça Santo Antônio, por exemplo, carregam memórias vivas de uma ocupação criativa e popular, mesmo diante das transformações urbanas e sociais que os atravessam. A Praça Troca-égua, atualmente marcada por episódios de violência (Viegas; Faria, 2020), foi durante muito tempo um espaço de expressões culturais como a Folia de Reis, exibição de filmes e festas juninas. Já a Praça Santo Antônio, localizada entre os bairros Primeiro de Maio e Minaslândia, foi um dos principais pontos de encontro da região, abrigando diversas apresentações artísticas e estando próxima ao histórico Bar Calabouço.

O Calabouço, fundado em 1980 por Edmundo Corrêa, destacou-se como importante espaço de formação cultural e política, promovendo shows, oficinas, feiras, debates e outras ações de forte impacto comunitário. Artistas como Chico César, Maurício Tizumba, Vander Lee e Zeca Baleiro estiveram presentes nesse espaço que funcionou até 1996 (Buzatti, 2018). A recorrência com que o Calabouço é citado nas entrevistas desta pesquisa indica a permanência de sua influência simbólica entre os moradores, especialmente os mais antigos.

Atualmente, observa-se um cenário de transição: se no passado esses espaços pulsavam com intensa apropriação cultural cotidiana, hoje a ocupação ocorre de forma mais pontual, por meio de eventos esporádicos. Ainda assim, essa memória coletiva

continua a inspirar novas formas de protagonismo e resistência, materializadas nos empreendimentos socioculturais que emergem no Bairro.

O Quadro 1 a seguir apresenta um mapeamento dos (as) empreendedores (as) socioculturais identificados (as) durante esta pesquisa. Esse levantamento não apenas reconhece os sujeitos ativos no território, como também evidencia a diversidade de linguagens e áreas de atuação que compõem o ecossistema local de iniciativas com base cultural e comunitária.



Quadro 1

Mapeamento de empreendedores (as) socioculturais que atuam direta/indiretamente no Bairro Primeiro de Maio

	EMPREENDEDOR (A) SOCIAL/CULTURAL	BREVE CARACTERIZAÇÃO	SITE/REDE SOCIAL
1	Claudia La-Badié	Empreendedora social: fundadora e presidente da Associação de Pais e Amigos do Centro de Reabilitação (ASPAC)	https://www.aspacreabilitacao.org.br/clinica
2	Dário Marques	Ator, compositor e produtor cultural	https://www.instagram.com/violeirodariumarques/
3	Dimalê	Cantor, compositor e radialista	https://www.instagram.com/dimale_male/
4	Dona Tiana	Voluntária do Centro de Formação Profissional Don Berna, ensinando gratuitamente artesanato há mais de 10 anos.	https://www.instagram.com/centrodonberna_2023/
5	Emanuela Santos	Produtora (Coletivo Giza Tu), bailarina e dançarina	https://mapaculturalbh.pbh.gov.br/
6	Fabiana Pereira	Uma das criadoras do "Centro de Formação Profissional Don Berna" (junto com Padre Pigi) e atual gestora voluntária do referido Centro.	https://www.instagram.com/fabi_butterfly41/ https://www.instagram.com/centrodonberna_2023/
7	Frank de Paula Ribeiro	Sociólogo, Analista de Políticas Públicas na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Pesquisador	https://www.linkedin.com/in/frank-de-paula-ribeiro-ba1a9167/?originalSubdomain=br
8	Gerson Januário	Músico, intérprete e luther (irmão de Moacyr Januário Filho)	https://www.instagram.com/gerson.januario2000/
9	Gil da Mata	Músico e compositor	https://music.apple.com/br/artist/gil-da-mata/982588775

10	Higino de Almeida	Escultor	https://www.instagram.com/gildamata/ https://www.instagram.com/higinodealmeidaalmeida/
11	Laís Lacorte	Filha de Gil Da Mata, fez um musical com Elza Soares e tem se apresentado pelos palcos do Brasil	https://www.instagram.com/laislacorte/
12	Lorrane (Quadrilha Cata Latas)	Grupo de quadrilha junina que atua no Bairro há mais de 40 anos. Lorrane, atual gestora, é bastante engajada quanto aos assuntos da comunidade.	https://www.instagram.com/quadrilhacatalatas/
13	Lourival Pereira Gomes	Fundador da Associação de Defesa da Comunidade Fraterna (ADCF) e empreendedor na área da promoção humana e cristã (foi auxiliar do Padre Pigi)	https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/LEI/15831/2005/
14	Márcio Granato	Produtor musical e luther	https://www.instagram.com/granatomarcio.mg/
15	Maurício Tizumba	Empreendedor cultural e criador do Movimento Tambor Mineiro	https://tizumba.com.br/ https://www.instagram.com/mauricio_tizumba/
16	Moacyr Januário Filho (Berico Roots)	Músico, compositor e produtor cultural (irmão de Gerson Januário)	https://www.instagram.com/bericoroots/
17	Moisés André Cruz	Empreendedor sociocultural e líder comunitário	https://www.instagram.com/moisesandreacruz/
18	Mônica Dalmázio	Cantora, Compositora e Instrumentista	https://www.facebook.com/monica.dalmazio?mibextid=ZbWKwL http://josecarlosalexandre.blogspot.com/2011/02/monica-dalmasio-e-roberto-mauro-no.html
19	Nego Dê	Educador, Professor de Teatro, Agente Cultural, Ator, Diretor Roteirista, Arte Educador e Educador Social	https://www.instagram.com/negode85/
20	Reginaldo Costa	Músico, Professor, Educador Musical e Fundador da banda Bater e Bate.	https://www.instagram.com/regismineiro/ https://www.instagram.com/baterebate_/
21	Régis D'Almeida	Cantor, compositor e poeta	https://www.instagram.com/regis.d.almeida.9699/
22	Rosângela Pimenta	Professora, pedagoga, poetisa e fundadora do espaço "Redação e cia"	https://www.instagram.com/redacaoecia_bh/
23	Rubinho do Vale	Músico, compositor e intérprete	http://www.rubinhodovale.com.br/ https://www.instagram.com/rubinhodovaleoficial/
24	Samuel Gonçalves Silveira Reis	Empreendedor social	https://www.facebook.com/Oppenbrasil
25	Sérgio Villard	Músico, compositor, produtor musical/multimídia e proprietário de estúdio de gravação	https://www.linkedin.com/in/sergiovillard/?originalSubdomain=br

Nota. Elaboração própria (2024).



Como é possível observar no Quadro 1, o Bairro apresenta uma ampla e diversificada gama de formas de atuação profissional no campo sociocultural. O mapeamento inclui tanto empreendedores que residem na própria comunidade quanto outros que, embora atualmente não morem no local, mantêm vínculos diretos ou indiretos com o território. Registra-se, ainda, que parte desses (as) empreendedores (as) socioculturais foi profundamente influenciada pela atuação do Padre Pigi (1939-2021).

Nascido na Itália e radicado em Belo Horizonte desde 1962, Padre Pigi assumiu a Paróquia do Bairro e desempenhou um papel central na mobilização comunitária. Suas ações abrangeram desde a criação de programas sociais e culturais até a construção de moradias e diversas formas de apoio à população local, com foco permanente na promoção da educação e da cidadania (Coutinho, 2012). Destacam-se, ainda, iniciativas voltadas à qualificação profissional e à formação de lideranças, evidenciando seu compromisso com o fortalecimento do protagonismo comunitário.

Padre Pigi desempenhou um papel crucial na criação do Programa Municipal de Regularização de Favela (Profavela), lançado em 6 de janeiro de 1983, tendo atuado como seu primeiro coordenador. Também esteve diretamente envolvido na fundação da Central Metropolitana dos Sem Casa (CEMCASA) e no desenvolvimento do projeto do Bairro Metropolitano, iniciativas que foram fundamentais para garantir moradia digna a cerca de 20 mil pessoas. Sua atuação foi decisiva na luta pela regularização fundiária e pela melhoria das condições de vida nas favelas de Belo Horizonte (Ribeiro; Benjamin, 2005; Arquidiocese de Belo Horizonte, 2021).

Face ao exposto, Pigi deixou um legado duradouro de solidariedade e transformação sociocultural, que ecoa não apenas entre os moradores do Bairro Primeiro de Maio – os quais, em sua maioria, ainda manifestam profundo carinho e reconhecimento

por ele, conforme apontado nas pesquisas de campo desta investigação –, mas também em toda a cidade de Belo Horizonte.

2.1.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são analisados os principais aspectos identificados nas entrevistas realizadas com três empreendedores (as) socioculturais do Bairro Primeiro de Maio, articulando-os com a revisão da literatura e as observações *in loco*.

Quando questionados sobre os principais desafios de empreender socioculturalmente no Bairro, foi unanimidade entre os (as) entrevistados (as) a percepção da falta de apoio, investimentos e estrutura – uma realidade comum nas periferias brasileiras (De Beukelaer, 2014; Firjan, 2022).

Segundo Nego Dê (E1), o Primeiro de Maio é uma comunidade marcada pela resistência às adversidades e pela ausência histórica do Estado. Ele destacou que muitas melhorias são frutos da própria mobilização dos moradores, que aprendem a resistir, criar e cobrar políticas públicas:

[...] Muito do que é feito em termos de melhoria na comunidade acontece por força dos próprios moradores [...] O Primeiro de Maio, por passar por muitas dessas dificuldades, foi aprendendo a resistir [...] mas também a criar e pensar em novas práticas criativas para se autopromover, se sustentar e mover sua vida cultural.

Essa fala conecta-se diretamente ao conceito de Empreendedorismo sociocultural, que busca, por meio da arte e cultura, soluções criativas para problemas sociais (Marins; Davel, 2020).

Outro aspecto relevante, trazido por E2, refere-se aos desafios impostos pela intolerância religiosa, principalmente em relação à percussão afro-brasileira:

[...] tive muita dificuldade no entendimento das pessoas por causa da intolerância religiosa. Na verdade, pela ignorância religiosa, pelo fato do desafio. A coisa do tambor é uma coisa terapêutica, a criança que tem uma agitação fica mais tranquila com aquilo ali e tem uma linha de raciocínio melhor [...].

Essa resistência evidencia as barreiras sociais e culturais que ainda cercam manifestações tradicionais de matriz afro-brasileira, apontando para a necessidade de maior valorização e reconhecimento dessas expressões. Tal situação conecta-se com a

revisão teórica, especialmente no que tange à cultura como motor de desenvolvimento humano e social, capaz de promover inclusão, pertencimento, transformação e diversidade cultural (Oliveira; Araujo; Silva, 2013).

O (a) entrevistado (a) E3 destacou a dificuldade na captação de recursos, apontando a burocracia como principal obstáculo para os empreendedores socioculturais acessarem financiamentos e expandirem suas iniciativas. Tal dificuldade reforça a necessidade, apontada pela literatura, de políticas públicas mais estruturadas e acessíveis para potencializar os efeitos positivos da Economia Criativa (Firjan, 2022).

Os entrevistados também foram convidados a refletir sobre o futuro do Bairro em termos de arte, cultura e sustentabilidade. Para Nego Dê (E1), o Primeiro de Maio vem conseguindo romper com estigmas e ocupando novos espaços, tanto territoriais quanto simbólicos:

[...] eu enxergo que é uma comunidade que tá conseguindo romper com alguns estigmas e, com o passar dos anos, tem trago pro território novas vozes, tem se pensado mais sobre esses espaços, tem ocupado mais espaço. [...] Então, eu vejo que o Primeiro de Maio está encontrando outras formas de resistir, mas também de existir em outros territórios. Por isso que eu acho tão interessante a nossa comunidade, porque ela sempre consegue ter essa criatividade, ela é criativa para conseguir pensar, se reorganizar, para trazer de volta, para criar um novo [...].

Essa visão reforça a potência inovadora do território, ao alinhar resistência e criatividade – elementos centrais do Empreendedorismo sociocultural à luz das contribuições de Pinho e Martinez (2012?).

E2 manifestou esperança ao citar o legado de grandes artistas que nasceram e se formaram no Bairro, acreditando que essas referências fornecem alicerces para novas gerações perpetuarem a tradição cultural.

Por outro lado, E3 fez um alerta sobre o risco de apagamento cultural, caso não haja ações imediatas:

[...] se nada for feito hoje, é acabar. Porque, veja bem, há 40 anos atrás, nos anos 80, houve um movimento muito forte nessa região, principalmente no Primeiro de Maio, aliás, mais especificamente no Primeiro de Maio, que alavancou grandes artistas, inclusive Zé Baleiro, Chico César, todos passaram pelo Primeiro de Maio naquela época dos anos 80. Dos anos 80 para cá, infelizmente, isso não teve nenhum movimento com aquele peso que teve nos anos 80. E hoje, muito raramente acontece um movimento cultural aqui no Bairro Primeiro de Maio que possa dar esse respaldo aos artistas, às artes. Porque infelizmente não há investimento, não há não há participação, mesmo assim da comunidade, né, porque vai perdendo a identidade à medida em que os artistas vão ficando mais velhos tanto para lutar e buscar recursos e tentar

viver da própria arte. Eles vão desanimando e vão buscando outras formas de sobreviver.

Essa fala evidencia uma das dicotomias destacadas na literatura: a coexistência, nas periferias, de insuficiência de investimentos com potência criativa (Radbourne, 1997; Reino Unido, 1998).

Ao serem perguntados sobre o legado que desejam deixar, Nego Dê (E1) refletiu sobre sua atuação nas políticas públicas locais e na organização comunitária. Ele destacou que suas ações, realizadas em conjunto com outros movimentos sociais, não apenas salvaram vidas, mas também promoveram a visibilidade da comunidade. Ressaltou ainda a resistência, a criatividade e a força coletiva como legados duradouros, enfatizando a importância da apropriação dos espaços públicos e do reconhecimento por parte do Estado. Além disso, abordou a continuidade desse trabalho, especialmente com os jovens, e a busca por contar a história da comunidade por meio de produções audiovisuais, como o documentário que já realizou. Assim, é possível perceber que sua trajetória, somada ao esforço coletivo, constitui um símbolo de luta constante – passado, presente e futuro – que reflete a resiliência e a força da comunidade.

E2 reforçou a importância das figuras proeminentes do Bairro, como Maurino de Araújo, Gil da Mata e Haroldo Alves, cujo legado inspira e fortalece a identidade cultural do Primeiro de Maio, alinhando-se ao conceito de “tecido criativo” que sustenta a Economia Criativa local (Carneiro *et al.*, 2022).

E3, por sua vez, destacou a geração de emprego e renda como objetivo principal, com foco na valorização e visibilidade dos artistas locais:

Meu principal legado quando eu penso em um projeto dentro do Primeiro de Maio é a geração de emprego e renda, porque eu convivo com os artistas, convivi com vários artistas do Primeiro de Maio, e a maioria deles tentou sobreviver da sua arte, da sua cultura e não sobreviveu. Muito raro, muito poucos conseguiam sobreviver da arte. Então, qual era a minha ideia no futuro? É que eu pudesse atrair com meus projetos, sobretudo dar visibilidade ao Bairro Primeiro de Maio, seria atrair o público ou o turista ao Bairro Primeiro de Maio de volta, como foi nos anos 80, para conhecer os artistas, conhecer as artes, e assim [para que] eles pudessem viver e sobreviver da arte e da cultura deles, que infelizmente, se não houver nenhum engajamento hoje, certamente isso vai acabando [...]. Essa é a minha ideia, era meu sonho fazer com que o Bairro Primeiro de Maio tivesse novamente a visibilidade que teve nos anos 80. Isso poderia incentivar o terceiro setor a ajudar os empreendedores a buscar recursos. Como disse, alguns sabem se virar sozinhos, outros têm muito talento, mas zero de conhecimento para escrever e desenvolver projetos para junto aos órgãos públicos buscar recursos.

Por fim, Nego Dê (E1) trouxe uma reflexão sobre as lideranças comunitárias, destacando a transição de uma liderança centralizada, personificada pelo Padre Pigi, para uma multiplicidade de vozes e lideranças, especialmente entre os jovens, impulsionadas também pelo uso das novas tecnologias e mídias sociais.

Este movimento se conecta com a ideia de inovação social promovida pelo Empreendedorismo sociocultural, que transforma não apenas a economia, mas também as estruturas sociais e políticas (Marins; Davel, 2020).

Diante do exposto, verifica-se que os achados desta pesquisa corroboram a revisão da literatura, que posiciona a cultura como motor de desenvolvimento econômico e social (Radbourne, 1997; De Beukelaer, 2014; Firjan, 2022). Assim como apontado por Ribeiro e Benjamin (2005) e Carneiro (2024), o Bairro Primeiro de Maio viveu, na década de 1980, uma efervescência cultural intensa, validada também pelas entrevistas aqui realizadas.

Atualmente, o Bairro enfrenta as já conhecidas contradições das periferias urbanas: violência e falta de investimentos, por um lado, e, por outro, uma potente capacidade de resistência e inovação, que mantém viva a cultura como motor de transformação – tema central deste artigo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros deste trabalho permitem afirmar que o objetivo da pesquisa foi atendido: analisar o papel do Empreendedorismo sociocultural como ferramenta de transformação no Bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte/MG.

A investigação revelou uma comunidade com uma herança cultural e artística significativa, marcada por movimentos culturais intensos desde a década de 1980, que projetaram talentos reconhecidos nacional e internacionalmente. Apesar dos desafios enfrentados – como criminalidade, violência, carência de investimentos e dificuldades na captação de recursos –, o Bairro mantém-se como um território de resistência, criatividade e produção cultural, especialmente por meio de jovens que buscam novas formas de expressão.

O mapeamento de 26 empreendedores (as) socioculturais atuantes na comunidade reforça a diversidade e a vitalidade desse ecossistema cultural, embora se reconheça que o número de agentes pode ser ainda maior. A continuidade dessa tradição depende de iniciativas que promovam a profissionalização dos artistas locais e ampliem a visibilidade do Primeiro de Maio como um importante centro cultural, o que demanda políticas públicas estruturantes e maior apoio do setor privado.

Este estudo contribui, assim, para a compreensão das dinâmicas culturais e socioculturais em territórios periféricos, oferecendo subsídios para o planejamento e execução de políticas públicas voltadas ao fortalecimento dessas práticas. Do ponto de vista acadêmico, abre caminhos para pesquisas futuras, como estudos que aprofundem o impacto das políticas públicas sobre as iniciativas socioculturais da comunidade, bem como investigações sobre a trajetória do Padre Pigi, figura central no desenvolvimento sociocultural do Bairro.

Em síntese, esta pesquisa evidencia que, no Primeiro de Maio, a cultura resiste, persiste e se reinventa como motor de transformação social, reafirmando a potência do Empreendedorismo sociocultural em contextos periféricos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) pelo apoio fornecido por meio dos Editais PROPPG 08/2021 e 10/2022 (Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa) e toda a comunidade do Bairro Primeiro de Maio, em especial, o Sr. Moisés André Cruz, o Samuel Gonçalves Silveira Reis, o Nego Dê e os (as) atores entrevistados (as), pela generosa participação nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Adro, F. D., & Fernandes, C. (2021). Social entrepreneurship and social innovation: Looking inside the box and moving out of it. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 1-27.
- Anastacio, M. R., Cruz Filho, P. R. A. & Marins, J. (2018). *Empreendedorismo social e inovação no contexto brasileiro*. Curitiba: PUCPRESS.
- Arquidiocese de Belo Horizonte. (2021). Nota de falecimento: Padre Pier Luigi Bernareggi (Padre Pigi). *Arquidiocese de Belo Horizonte*.
https://arquidiocesbh.org.br/?post_type=noticias&p=122043
- REGMPE, Brasil-BR, V.10, Nº1, p. 157-178, Jan/Abr. 2025. www.revistas.editoraenterprising.net.

- Barros, R. O., Lima, Z. de B., Bizarria, F. P. de A., & Barbosa, F. L. S. (2023). Concepções, políticas públicas e práticas relacionadas à economia criativa: Uma revisão integrativa da literatura. *Amazônia, Organizações e Sustentabilidade (AOS)*, 12(1).
- Buzatti, L. (2018). Pilares do underground: Edmundo Correa e Andrea Diniz relembram a história do Matriz. *Jornal O Tempo*.
<https://www.hojeemdia.com.br/entretenimento/pilares-do-underground-edmundo-correa-e-andrea-diniz-relembra-a-historia-do-matriz-1.592542>
- Caiado, A. S. C. (2011). *Economia criativa*. São Paulo: FUNDAP.
- Carneiro, D. M. R., Cabral, A. dos S., & Alvares, D. F. (2022). Economia criativa e espacialização da inovação: oportunidades e desafios pós-COVID-19 para o desenvolvimento turístico de um bairro de Belo Horizonte. In I. Brasileiro, D. Bouças, H. Costa, & D. Alvares (Orgs.), *Turismo, Sustentabilidade e COVID-19: entre incertezas e esperanças*. Laboratório de Estudos em Turismo e Sustentabilidade/LETS/UnB.
- Coutinho, J. da F. (2012). Há meio século, padre deixou a família rica na Itália e abraçou favelas em BH: Padre Pigi enfrentou prisões e ameaças de morte, sem jamais perder a fé. *Jornal Estado de Minas*.
https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/04/25/interna_gerais,290806/ha-meio-seculo-padre-deixou-a-familia-rica-na-italia-e-abracou-favelas-em-bh.shtml#google_vignette
- De Beukelaer, C. (2014). Creative Industries in ‘Developing’ Countries: Questioning Country Classifications in the UNCTAD Creative Economy Reports. *Cultural Trends*, 23(4), 232-242.
- Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte - Belotur. (2019). *Belo Horizonte: Cidade Criativa da Gastronomia*.
<http://portalbelohorizonte.com.br/creativecity/cidade-criativa>
- Firjan. Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. (2022). *Mapeamento da indústria criativa no Brasil*. Rio de Janeiro: Firjan.

- FMC. Fundação Municipal de Cultura. (2015). *Tradição e resistência: Sujeitos, práticas e memórias da cultura popular em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado.
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *Sidra*.
<https://sidra.ibge.gov.br/acervo#/S/Q>
- Junior, A.F.P.; Muylder, C.F.; Conceição, D.L.G. (2024). Empreendedorismo sustentável no Brasil: uma revisão sistemática na literatura mundial recente. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas*, V.9, Nº1, p.150-164, Jan/Abr.
- Marcovitch, J., & Saes, A. (2020). Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 1-9.
- Marins, S. R. (2022). *Empreendedorismo cultural como prática estética: Uma etnografia estética do empreendedorismo musical em Salvador, Bahia* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração.
- Marins, S. R., & Davel, E. P. B. (2020). Empreendedorismo cultural e artístico: Veredas da pesquisa acadêmica. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(4), 115-140. Universidade Federal Fluminense.
- Minayo, M. C. de S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 239-262.
- Montes-Martínez, R.; Ramírez-Montoya, M.S. Systematic mapping: Educational and social entrepreneurship innovations (2015–2020). *Educ. Train.* 2021, 64, 923–941.
- Oliveira, J. M. De, Araújo, B. C. De & Silva, L. V. (2013) *Panorama da Economia Criativa no Brasil*. Textos para discussão. Rio de Janeiro: Ipea, v. 1880.
- Ost, C., & Saleh, R. (2021). Cultural and creative sectors at a crossroad: From a mainstream process towards an active engagement. *Built Heritage*, 5(1), 1-16.

- Pinho, M., & Martinez, A. (2012?). *Guia do empreendedor sociocultural: Reflexões, orientações, metodologias e práticas para amparar o desenho e a gestão de projetos socioculturais sustentáveis*. Ministério da Cultura e Sociocultural Em Rede.
- Radbourne, J. (1997). Creative Nation - A Policy for Leaders or Followers? An Evaluation of Australia's 1994 Cultural Policy Statement. *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, 26(4), 271-283.
- Reino Unido. DCMS - Department for Digital, Culture, Media & Sport. (1998). *Creative Industries Mapping Documents*.
- Reis, A. C. F. (Org.). (2008). *Economia criativa como estratégia de desenvolvimento*. São Paulo: Itaú Cultural: Garimpo de Soluções.
- Ribeiro, R. R. (2011). *Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Norte*. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade.
- Ribeiro, F. P., & Benjamin, R. C. (2005). *Primeiro de Maio: memórias e imagens de um lugar*. Belo Horizonte: Editor autor.
- Severino, A. J. (2002). *Metodologia do trabalho científico* (22ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Viegas, R. & Faria, A. H. P. de. (2020). Um olhar sobre a violência urbana: relação espacial entre homicídios e tráfico de drogas no Bairro Primeiro de Maio, Belo Horizonte/ MG. *O Alferes*, Belo Horizonte, 77 (30): 88-120, jul./dez.
- Vieira, V. G.; Oliveira, V. M. & Miki, A. F. C. (2023). Framework de mensuração do empreendedorismo social para países em desenvolvimento. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(2), e220.

Sociocultural entrepreneurship in context: an approach to culture as a driver of transformation in the “Primeiro de Maio” neighborhood, in Belo Horizonte/MG

ABSTRACT

The main objective of this paper is to analyse the role of sociocultural Entrepreneurship as a transformation tool in the “Primeiro de Maio” neighbourhood, in Belo Horizonte/MG. This community, located in the Northern Region of the capital of the State of Minas Gerais, counts with 2,421 people (data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics – IBGE, 2010) and is also considered by literature, from a historical point of view, as a “fountain of popular arts”, as well as having “the most cultural square meter in the city”. This study has a qualitative, exploratory and descriptive approach, is marked by participant on-site observation, and is also complemented by interviews with three sociocultural entrepreneurs who are living in the neighbourhood. This article also holds a mapping of the main characteristics, actors and challenges associated with “Primeiro de Maio”. The study findings demonstrates that despite of the challenges experienced (such as crime, violence, insufficient support and lack of investments), the culture is representing a transformation engine for the territory, by empowering its sociocultural collectives and by finding creative ways to solve the social problems issued over there. Furthermore, considering that the neighbourhood was recognized for its cultural effervescence, especially in the 1980s, it is noteworthy that despite the challenges mentioned, there is still a strong cultural appeal, within a logic of resistance. The research identified an amount of 26 sociocultural entrepreneurs that work directly and/or indirectly in the neighbourhood, whose have an extremely relevant role for the community, as a certainly result from that social and cultural legacy rooted in the past. It is a culture that resists, persists, transforms and re-signifies itself.

Keywords: Sociocultural Entrepreneurship; Culture; Social transformation; Public Policy; Periphery.

Emprendimiento sociocultural en contexto: una interpretación de la cultura como motor de transformación en la colonia “Primeiro de Maio”, en Belo Horizonte/MG

RESUMEN

El principal objetivo de ese artículo es analizar el papel del Emprendimiento sociocultural como herramienta motriz de transformación en la colonia “Primeiro de Maio”, en Belo Horizonte/MG. La comunidad del mencionado barrio es compuesta por 2.421 personas (datos del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística – IBGE, 2010), está ubicada en la Región Norte de la capital de Minas Gerais y es considerada por la literatura, desde un punto de vista histórico, como “fuente artística popular”, y tiene “el metro cuadrado más cultural de Belo Horizonte”. A través de un enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, marcado por la observación participante en el local y entrevistas a tres emprendedores socioculturales aún residentes ahí, este estudio presenta también un mapeo de las principales características, actores y retos asociados a la comunidad. Los resultados demostraron que, a pesar de los retos enfrentados por el “Primeiro de Maio” (como criminalidad, violencia y debilidad cuanto a apoyos e inversiones), la cultura representa un motor de transformación en el territorio, fortaleciendo los colectivos

socioculturales y el desarrollo de soluciones creativas a los problemas enfrentados. Además de eso, la colonia fue reconocida, especialmente en los años 1980, por su efervescencia cultural, siendo que cabe señalar que, a pesar de los desafíos mencionados, todavía existe un fuerte atractivo cultural, dentro de una lógica de resistencia. Por medio de esta investigación, se identificaron 26 emprendedores socioculturales que trabajan directa y/o indirectamente en el barrio, desarrollando un papel sumamente relevante para la comunidad y ciertamente, resultante de la herencia social y cultural arraigada en el pasado. Es la cultura la que resiste, persiste, se transforma y se resignifica.

Palabras clave: Emprendimiento Sociocultural; Cultura; Transformación social; Políticas Públicas; Periferia.